

Entrevista realizada no dia 24 de novembro de 2004, com o Sr. Paulo Mesquita, trabalhador, fiscal da fazenda do estado do Rio de Janeiro. Realizada às 17 horas, no Campus do Gragoatá, UFF, Niterói.

Roberto: Bom Paulo, fale de sua vida até se tornar um fiscal para mim, por favor.

Paulo: Bom..é.. você quer saber sobre vida profissional ou ou..é melhor botar aqui para não ficar muito ..

Roberto: é.. tudo, tudo assim..o que você queria ser, a profissão dos seus pais, resume aí um pouco.

Paulo: Ta bom. É..Minha mãe era professora né, do primário e meu era agente de estação, um cargo de nível é...médio né..tomava conta de um pátio de estação da estrada de ferro né.. Então, a gente tinha um padrão de vida de classe média baixa né, um padrão de vida que deu pelo menos pra , pra que, porque o grande sonho da vida dos meus pais era exatamente que a gente não precisasse trabalhar enquanto não se formasse né. A formatura dos filhos na nossa família, isso é uma coisa que achei interessante trazer pra você, é que já era, era um projeto, a família [?], meus pais tinham este projeto desde que eles se casaram né..de que os filhos se formassem né, fossem doutores, aquela coisa toda né. E..e... meu pai queria ter pelo menos um filho engenheiro, é interessante. E..então aquele padrão de vida que a gente tinha era tudo muito regulado, tudo muito a conta direitinho, mas o essencial à gente tinha, né, tinha moradia, tinha como comer, vestir, etc..e não precisa trabalhar, então eu tive este privilégio de ter escola pública, naquela época que era de qualidade né, uma qualidade muito boa, e.. e.., o privilégio de não ter que trabalhar, então isso facilitou muito para mim e para os meus irmãos né..então é..minha vida até os 20, até os 21 anos foi só estudar, estudar, meter a cara e eu tinha aptidão para isso né..então.. sempre tive um bom aproveitamento, fui levando, fui levando...Sempre pensando em ser engenheiro, que eu nem sabia o que, que era direito, mas que era, era aquela, a

profissão mais assim charmosa né..mais assim..que tinha um..uma atração pelas pessoas daquela década de 70 né..90..sei lá..milagre econômico aquela coisa toda né.. então.. meu pai sempre quis ter um filho que ..engenheiro e eu queria ser engenheiro eletrônico, nunca, nunca quis...não sei nem o que que é isso direito [risos] não sabia, o que que era isso direito..e eu tinha uma habilidade boa com números né...sempre tive facilidade com, com cálculo e etc né, física química, aí fiz vestibular pra engenharia , né..então, isso com 16 anos, que eu entrei na faculdade com 17, entrei cedo. É..lá no Fundão né, na UFRJ, engenharia né...então..até lá a minha vida foi praticamente isso, brincar, estudar..só.. Eu não tinha nenhum...nada, nada por fora, nunca tive assim.. envolvimento político, nunca participei de grêmio, política..é..a nossa criação, eu acho uma coisa interessante também, que ela..ela é muito apolítica, né... Meu pai, ele se interessava, mas, ele não queria, não participava e a gente também não tinha essa, essa vontade de participar de política, de movimento estudantil, no interior então nem sei se existia né, acho até que existia, mas era uma coisa assim meio... meio marginal, meio assim, esquecida né, era a época da ditadura também né, não devia ser muito fácil né, então..até..é o que eu to te dizendo, até os 21 anos aí era só estudar, aí, .sendo que dentro da faculdade, como eu comecei a fracassar, que eu não era..que eu descobri lá dentro que eu não tinha nada a ver com aquilo ali, aí eu, eu resolvi trabalhar antes de me formar, porque eu comecei a ficar com vergonha né, porque eu só recebia, ainda recebia uma mesadinha, aquela coisa toda, dava uma despesa danada, ficava em casa com 20, 21 anos, não trabalhava e ainda estava tirando notas mínimas, ainda tava me ferrando na faculdade, então, aí eu resolvi trabalhar. Aí, meu primeiro emprego foi como. É, foi um concurso que abriu de agente de vigilância judiciária, do tribunal de justiça é, eu tenho uma tia que trabalho lá no tribunal justiça, ai ela me deu essa dica né ai falo pra eu fazer o concurso que depois que eu entrasse ela me colocaria num cargo administrativo, eu não precisava ficar como guarda, não ia correr risco de vida nenhum, num sei o que, pra eu fazer pra ganha salário mínimo, ai eu fiz a prova passei entre os primeiros lá tranqüilo né, e, mas quando eu entrei lá dentro senti que era melhor continuar como guarda por que não era tão perigoso assim naquela época sei lá

não era tão perigoso, e não tinha que tomar conta de preso né não era uma coisa assim, não andava armado, era mais uma questão de vigilância etc etc então eu resolvi ficar como guarda por que eu tinha liberdade de horário à hora que eu entrasse eu descontava minhas horas de trabalho, é tinha essa facilidade lá, eles incentivavam estudo, então quer dizer, eu posso me considerar um privilegiado ate nisso né é no emprego que eu consegui eu tinha liberdade de horário, então eu tive toda condição de terminar a faculdade e começar a fazer concurso publico, por que é não tinha uma ligação política, é... indicação, não tinha pessoas na família, minha família veio de muito baixo né, meus avós eram, por parte de mãe eram alfaiate e costureira e, parte de pai era, nem sei que profissão era meu avô, acho que ele era free lancer, por que meu pai nunca falou, e minha avó era dona de casa, morava num barraquinho mesmo lá na, tipo uma cabeça de porco lá em três rios né, então quer dizer a minha origem realmente é humilde, privilegio que eu tive foi esse, estudar. Sempre tive essa facilidade, e não ter que trabalhar, isso ai foi uma grande coisa que, só isso ai já valeu, já ganhou o jogo digamos assim, pra mim, então é... Onde é que eu tava?? Bom, aí eu comecei a fazer concurso publico também né. É por que eu tava me dando tão mal na faculdade, me ferrando lá, e resolvi pô, não posso ficar nessa né, ai cabei abandonando a faculdade, depois voltei, abandonei, abandonei 4 vezes, voltei 4 vezes, mas conclui, levei 8 anos e meio pra fazer a faculdade, pra terminar, nesse meio tempo comecei a fazer concurso publico né, aí fiz, eu cheguei a fazer dez concursos, dez, a maioria de nível médio e mais uns dois ou três de nível superior e a maioria eu passei, mas não fui chamado naquela época era muito comum isso né, você fazia o concurso, passava, de repente sei lá..não havia concur..., ou então nem abria concurso, você preparava tudo, de repente cancelava, nem abria ou então quando você fazia, passava e não era chamado. Aí como eu te falei, esse foi o primeiro que eu fui chamado, esse de guarda, foi esse mesmo. Dali pra frente outros me chamaram, mas pra ganhar um pouquinho mais, e não ter liberdade pra estudar, então eu sempre dei preferência, aí já é uma opção minha, eu preferi continuar como guarda durante oito anos, sete, oito anos, é..preferi continuar como guarda com a minha fardinha lá, quer dizer, uma profissão que é..digamos

assim, de nível, não é inferior, mas digamos assim, de nível subalterno né, digamos assim, do que ficar trabalhando num escritório, numa coisa assim, emprego de nível médio, mas que ia me prender, então eu preferi ganhar menos, ficar lá ganhando um salário mínimo, ter liberdade e estudar e tentar uma coisa melhor. Aí fui fazendo concurso, concurso, nesse meio tempo eu me formei, depois de oito anos e meio me formei e aí..é...pude finalmente, fiz um concurso para Petrobrás, foi logo com seis que eu me formei, tive sorte também, aí é outra sorte, foi um dos últimos concursos que a Petrobrás fez, para analista de sistema aí eu meti a cara neste concurso, eu tava praticamente é, aquela liberdade que eu tinha de horário né, eu usei ela toda, meti a cara, estudei muito e passei pro concurso da Petrobrás de analista de sistema, e a Petrobrás [inclusive?] me formou não precisei fazer curso, não precisei pagar do meu bolso, um curso de analista de sistema é caríssimo né , depois eu tive até, eu fiz o concurso a Petrobrás me dava, me pagava um salário pra eu estudar , entendeu? Então quer dizer, eu posso dizer que a minha vida é.. profissionalmente, é uma mistura de oportunidade, sorte e opção também, que eu tive competência de passar e a empresa me da essa condição de eu trabalhar, de ganhar , entendeu, e, estudar, entendeu, então meu primeiro realmente emprego que tinha mais a ver com aquilo que eu estudei a vida inteira foi esse, foi de analista de sistema na Petrobrás, isso depois de oito anos e meio de agonia lá na faculdade de engenharia, que eu nunca exerci, Engenharia civil né?, me formei em engenharia civil mas, nunca exerci. Não gostava mesmo de nada de engenharia e analista de sistema também eu não gostei, infelizmente eu era..eu tinha até vocação pra essas coisas, eu acho até que eu tenho, é engraçado né, a gente, eu tava conversando isso com a minha esposa agora mesmo, é.. aquilo que eu tenho vocação, que tenho facilidade, eu não gosto. Eu tenho extrema facilidade com cálculos matemáticos, com abstrações matemáticas, eu tenho facilidade extrema, tinha muito facilidade com a faculdade de engenharia que aqui na História, eu amo História, mas eu peno pra aprender as coisas aqui em História, é a gente pensa que a faculdade de história é mais fácil porque precisa menos ponto para passar, mas eu peno muito mais aqui para aprender do que lá na engenharia, lá na engenharia eu rapidamente pegava

as coisas, e eu era muito vagabundo, ia pra casa e não fazia exercício, entendeu, às vezes perdia na prova porque não tinha treinado né, não tinha feito os trabalhos, não entregava, mas, eu tinha facilidade de aprender eu pegava muito rápido e aqui não, aqui é o contrário, eu tenho aqui, tenho boas notas, tenho CR alto, mas a custa de muita ralação, que é o oposto do que era lá, na engenharia, então é até um fator interessante que fui trabalhar como analista de sistema, achei horrível, também não gostei principalmente ali de mexer diretamente com o computador, eu tinha um verdadeiro pavor daquilo, de mexer no computador, eu gostava da parte analítica em si né, parte de conversar com as pessoas, de saber o que elas pensam, de montar todo aquele, aquela parte de fluxo de dados, aquela parte mais, manual, que você usava papel e lápis, isso eu gostava, quando se tratava de computação, [?] de computação, eu achava aquilo ali árido, árido, eu acho a área tecnológica extremamente árida, eu acho a área de ciências sociais uma área bastante rica, uma área que você se sente bem, que você tá ali, tratando sobre o ser humano, sobre ciências humanas, sobre a sociedade, eu acho isso muito bonito, você vê no dia a dia a aplicação prática disso né, e já engenharia embora seja uma coisa prática depois que você se forma, mas o curso em si é terrível, extremamente árido, extremamente pesado, extremamente exigente, entendeu então, aí eu trabalhei mais esse tempo então, foi três anos e meio, sendo que eu até esqueci eu pulei uma coisa aqui, eu fiz também um curso, eu fiz um concurso que também fiz um outro curso de graça né, eu fiz um concurso pra, pro mercado financeiro, um curso que teve aí patrocinado pela, pelo comitê de divulgação de mercado de capitais, lá no Rio de Janeiro, aí fiz o concurso, passei em primeiro lugar, aí fui chamado e fiz seis meses de curso gratuito integral, aí me formei pra mercado financeiro, agora vou me dar bem nessa parte de mercado financeiro, antes de analista de sistema, vou sair dessa engenharia e vou, fiz um excelente curso, também fui um dos melhores da sala, achei, mas eu achei horrível aquilo também, trabalhei com bolsa de valores, trabalhei diretamente com o pregão, ligado dentro do [sistema ?] da bolsa de valores, pra você ter uma idéia do stress do trauma eu só trabalhei três meses na área engordei seis quilos e em função desse stress eu quase que abandono

definitivamente à faculdade de engenharia por que eu tava no finalzinho da engenharia e fazendo esse curso de pos graduação eu tava pos graduação sem te a graduação [risos], por causa das greves, o curso de lá começou antes de eu termina o ano, o curso da pos graduação, então eu tava fazendo pos graduação sem ter a graduação né, ai, mas conclui as duas coisas, fiquei três meses, achei aquilo horrível entendeu? Sai fora depois é que eu entrei pra Petrobrás, ai eu me formei e três meses depois fiz o concurso da Petrobrás né, então só pra te uma idéia da vida divina, a gente por necessidade, digamos assim a minha vida até pelo menos os 40 anos foi toda em função das necessidades materiais. Eu jamais levei em conta meus interesses é... pessoais, é digamos assim que eu gosto de historia, eu sempre gostei de historia, mas jamais passou na minha cabeça até os 40 anos de idade fazer uma faculdade de historia de ciências sociais, por que não tinha mercado, a minha cabeça foi sempre muito voltada pra isso né, pensando sempre o que, eu quero me estabelecer, eu quero ter uma vida melhor, eu quero ter uma família quero que ela tenha um padrão de vida bom. Quer dizer aquele meu ideal pequeno burguês eu tinha que ter meu carro de preferência zero, eu tinha que ter minha casa, eu só pensava nisso eu fui criado pensando nisso, acho que no fundo o projeto dos meus pais era esse né, um projeto pequeno burguês, um projeto pros filhos serem doutor, e eles terem sua casa bonita, seu carro bonito, sua família bonita, então até os quarenta anos quando eu resolvi fazer historia aqui eu jamais pensei, jamais nem por um segundo sequer, isso que é impressionante, isso que eu acho impressionante, jamais nem por um segundo passo na minha cabeça faze uma faculdade de ciências sociais, de geografia, de historia, que são as coisas que eu sempre gostei, que eu sempre fui muito bom nessas áreas, embora eu não tivesse como eu te falei, não tivesse tanta facilidade quanta pra matemática, pra química, que eu odiava, mas eu tinha excelentes notas em química, mas eu era bom nisso e gostava! Eu lia os livros de historia e geografia antes do professor dar a matéria, mas jamais passou na minha cabeça por que eu sempre associei é historia e geografia a ser professor e eu via minha mãe ganhando aquela mixaria e sofrer como professora primaria, então por isso também e por questão de querer ter um padrão de vida jamais passou pela minha

cabeça até, quando eu fiz em torno dos 40 anos que minha cabeça mudou um cadinho apesar de que não sei se mudou tanto, até por que agora também, o ideal pequeno burguês já satisfiz né, eu já tenho a minha casa, eu já tenho o meu carro, então eu não sei se por isso, ou se por que chegou aos 40 e minha cabeça mudou realmente, ai eu resolvi pô eu tenho que buscar uma satisfação né, alguma que seja, e aqui que eu to encontrando minha satisfação né, aqui na historia. Mas ai chegando na analise de sistema eu to quase chegando a hoje né, quando eu fiz 2 anos como analista que eu senti que não era minha área mesmo, [fiz pra?] concurso de fiscal, na época era muito esperado, tinha mais de 20 anos que não tinha concurso, ai, eu mesmo tando na Petrobrás trabalhando duro, eu dei meu jeito lá, estudava, era uma época interessante, eu lembro que eu estudava no ônibus, na barca, no banheiro, sempre que o projeto que eu tava participando na Petrobrás dava uma esfriada, eu arrumei um jeito de trabalha na área de documentação do projeto por que eu ficava sozinho numa sala, [risos] fazia rápido a documentação pegava as apostilas do concurso de dentro de uma mala secreta lá, estudava durante o expediente entrava alguém eu fechava, guardava ia pro banheiro ficava meia hora levava o livro estudava no banheiro, no escuro, naquela escuridão. Então me empenhei muito nesse concurso de fiscal por que eu falei esse negocio de analista de sistema vou ficar maluco, é mais uma coisa pra me deixar doido [oba! Tudo bom!? – quando passaram dois amigos]. Ai esse concurso demoro mais ou menos um ano e meio se arrastando, um ano e meio se arrastando, entre liminares anulação, volta, tem prova, não tem prova, ai chamava, não chamava, fomos nomeados e depois da nomeação entraram com ação liminar na justiça derrubaram, ai depois conseguimos derrubar a liminar ai voltamos, ai depois dessas lutas e lutas e lutas, a gente conseguiu e três provas né, foram na época do concurso, ai finalmente fomos nomeados eu passei mais uma vez, é ai fui chamado, foi em 25 de outubro de 90, faz exatamente 15 anos, 15? 14 né?, não em 89!, 25 de outubro de 89, faz 15 anos! Exatamente agora eu acabei de fazer 15 anos, de fiscalização. Então essa agora profissionalmente falando é a minha. Eu to dando mais ênfase a parte profissional que eu acho que é o que tem mais a ver com o que você ta querendo né? E nesse período eu casei tive filhas,

tenho duas filhas, uma de 18 e uma de 11 anos né, quer dizer to casado ate hoje com a mesma esposa, vou fazer 20 anos de casado agora dia 27 de dezembro, quer dizer graças a Deus que este flanco familiar sempre foi uma fortaleza, sempre foi forte. Desde a infância com meus pais, que deram aquela estabilidade que eu precisava pra eu estudar, pra eu fazer as coisas e agora com o casamento também, que é uma coisa que eu jamais me preocupo é com a família, que é uma coisa que ta sempre tranqüila, os conflitos a gente resolve eu já to com 20 anos de casado, minhas filhas já tão aos pouquinhos se formando, então é uma coisa que eu não me preocupo meu problema sempre foi à profissão, sempre foi, até pelo fato deu precisar, deu querer ter uma vida materialmente confortável e ter que aturar esse tipo de trabalho que embora fossem todos de alto nível, mas foram extremamente complicados, pela falta de gosto de prazer, vontade de fazer alguma coisa melhor. E o de fiscal também não foi muito diferente, o de fiscal tem uma grande vantagem né, como fiscal de renda, uma vantagem enorme, é... é a liberdade, essa é a grande, talvez tenha sido o grande diferencial pra eu ter saído da Petrobrás, uma empresa, uma grande empresa que eu ate poderia ter encontrado um cantinho pra eu fazer alguma melhor, a ver comigo, mas eu preferi ir pra fiscalização por causa dessa vantagem, você tem muita liberdade, você não tem relógio de ponto, alias por conchecidencia eu..., exatamente no mês que a Petrobrás implantou o relógio de ponto, foi exatamente o mês que eu fui chamado, fui nomeado pra fiscal de renda, parece que foi assim pra... o ultimo empurrão que eu precisava, eu passei mais de um ano em duvida se eu sai, se eu não saia, abandonava o concurso, voltava o concurso, abandonava o concurso, voltava, e exatamente no mês que era pra decidi implantaram o ponto eletrônico, eu falei, to fora! To fora desse negocio de marcar ponto! Ai foi o ultimo incentivo, pulei fora fui pra fiscalização, ai você tem, na fiscalização, você tem o seu trabalho, você recebe sua carga de trabalho todo mês, e você realiza, você realiza a hora que você quer, a hora que você esta mais produtivo entendeu, se você acorda mais cedo, você vai trabalhar mais cedo, se você gosta de dormir até 10 horas da manha, 11 horas, meio dia, você trabalha de tarde. Entendeu, em geral a não ser quando há, quando tem reuniões, quando tem operações conjuntas, quando tem

alguma coisa mais formal, ai você tem os horários os dias certos, pra você se reunir, ou então se você trabalha em barreira tem o horário certinho de plantão, agora fora isso não, você vai na inspetoria, resolveu o que tem que resolver, vai pra casa, trabalha em casa entendeu, o resto... a maior parte do trabalho em fiscalização que é muito complexo você tem que fazer em casa, é o tipo de trabalho que não da pra você ficar fazendo na repartição com todo mundo falando ao mesmo tempo, é um trabalho que exige extrema atenção, pra você detectar o erro em alguma coisa exige extrema atenção, por que você vai ter que provar amanhã que aquilo ta errado, então você tem que reunir todas as provas, você tem que bater coisas contra coisas, documentos contra livros, livros contra livros, você vai muita vezes entrevistar a pessoa que é o contribuinte, vai conversar com ele ali na inspetoria, e isso tudo você vai fazer um apanhando e finalmente se houver, se ficar comprovado pra você que tem uma infração, você vai lavrar um alto de infração pra cobrar aquele imposto que o contribuinte não recolheu, então é um trabalho muito técnico, é um trabalho extremamente complexo, a legislação tributaria brasileira é um verdadeiro fardo! A gente se sente afogado nele né, imagina um contador que tem de lidar com legislação municipal, estadual, federal, INSS e mais um monte dessas fiscalizações sanitária... num sei o que, entendeu, o cara, simplesmente eu não sei como esses caras conseguem, alias geralmente eles não conseguem, eles empurram com a barriga né, eles vão levando, eles trocam idéia entre eles, por que não tem condição humana de uma pessoa só domina essas áreas todas, eu como fiscal, só de um estado mal consigo dominar a legislação do ICMS que é um dos tributos, que na verdade os principais são três, o IPVA, o ICMS e o [ITB ?] e sendo que 99% dos fiscais trabalham no ICMS que é o grande tributo estadual, e o grande tributo nacional que tem é o ICMS que é o imposto estadual, entendeu, então é isso, resumindo pra você de repente entrar na outra pergunta pode ser que complementemente, meu trabalho é esse. Agora por exemplo eu sai da fiscalização direta de rua, e to trabalhando, agora nesse momento eu trabalho com julgamento, eu com outro fiscal, outro fiscal lavra o alto de infração, diz que viu algum erro, que ele acha [??] erro na [escriturização ?] do contribuinte, então ele lavra o alto exige o imposto e o contribuinte pode se

defender, ele tem direito, de em trinta dias se defender por escrito, e isso vai para um órgão chamado junta de revisão fiscal que é onde vai ser julgado esse litígio, que a partir do momento que o contribuinte não concorda com a autuação se instaura um litígio, então é como se fosse um tribunal, há todo um andamento, é como se fosse um tribunal administrativo, não é um tribunal judiciário, mas é administrativo tem um monte de formalidades tem que ser cumpridas entendeu, você tem que cumprir a legislação, você como julgador você tem que seguir a risca aquela legislação, não tem muito espaço pra você entendeu, decidi as coisas, a legislação é muito amarrada entendeu, mas por outro lado é muito complexa, tem muitos atos perdidos no espaço, atos que não foram revogados claramente, mas que na verdade foram revogados tacitamente por que um outro ato 10 anos depois tratou da mesma matéria, então você se você bobear você ta utilizando atos que já foram vencidos que não tem mais validade, outros não, eles são explicitamente revogados, tem atos federais que incluem ICMS estadual também, [invés ?] de complementar os federais, a constituição, entendeu, e a constituição nossa é muito detalhada, a maioria das leis estaduais é inconstitucional, boa parte delas é inconstitucional e esse é um dos grandes problemas que a gente encontra no julgamento de alto de infração, que geralmente o contribuinte alega que a lei é inconstitucional e nos como julgadores sabemos muitas vezes que ela é mesmo, mas como ela não foi decretada ainda como inconstitucional pelo supremo tribunal federal, não foi revogada a gente é obrigado a aplicar essa lei pra fazer o julgamento. Então nosso campo de atividade na área administrativa ela é um pouco limitada como julgadores, não é como um juiz que tem uma amplitude de poderes, que pode julgar de acordo com com, aquele por exemplo, livre convencimento. A gente fica mais amarrado às normas legais do estado, eu sou funcionário do estado e aplico essas leis tributarias do estado, leis federais também, a constituição federal, a constituição estadual também, resoluções e muitas vezes a gente é obrigado a julgar em função daquela lei sabendo que ela não é o melhor direito, ela foi mal redigida, foi mal elaborada, é provável que ela amanhã seja declarada inconstitucional, mas você é obrigado por que ela ta em vigor, você não tem essa liberdade, não é nem

que você não tenha, se você quiser comprar essa briga você pode comprar essa briga, que essa lei é inconstitucional e eu vou dar ganho de causa ao contribuinte, mas você não tem o respaldo que o juiz tem, o juiz é um poder a parte ele tá no judiciário, ele não tem um chefe acima de você que tá preocupado com a arrecadação estado, o juiz é o juiz ele não tá preocupado com a arrecadação do estado, se ele achar que uma lei é inconstitucional ele vota a favor do contribuinte. Eu trabalho num órgão a secretaria estadual de fazenda que se se é, eu der uma decisão contra o estado num processo de valor alto especialmente se for uma lei que ainda não foi declarada inconstitucional eu vou ter que me embasar muito ter muita coragem para fazer isso, por que? Por que eu to num órgão que é o responsável pela arrecadação, e a partir do momento que eu der um ganho de causa num processo grande pro contribuinte e que isso vai implicar em não entrar esse dinheiro pro estado eu tenho que tá muito, muito, muito certo de que isso vai, então isso é, é um problema serio. Esse é um problema serio da minha atividade atual, a gente não tem o nível de poder de independência que tem um juiz. E isso aí quando a gente falar, você vai perguntar sobre o escândalo do Silverinha, eu vou tocar de novo nesse problema, por que isso até hoje, isso influenciou muito na época desse escândalo, a gente vai chegar lá, mas o que eu tinha pra falar é isso, no momento eu to fazendo isso, julgamento, e eu faço de casa 99%, pego lá, pego os processo faço em casa, quando tem reunião eu vou lá, quando tem que devolver os processos, quando tem que juntar todo mundo pra ser colegiado a decisão, quando reuni colegiado eu vou lá, cumpro do meus votos, volto pra casa e vou fazer meus julgamentos. Isso até me ajuda aqui na faculdade de historia né, por que eu tenho conseguido chegar aqui nos horários por que, eu faço horário, vejo os colegas aí que trabalham em empresas privadas aí, sindicatos, os caras que chegam aí oito, nove horas da noite, na hora de ir embora né, então isso é uma outra vantagem que eu tenho né, então eu posso me considerar um privilegiado, tanto por formação familiar quanto por opções que eu fiz, que graças a Deus eu acho que foram corretas isso aí.

Roberto: Mas é como você acha que as pessoas vêem seu trabalho? Como funcionário público e como fiscal.

Paulo: Olha em geral a visão pelo fiscal sempre foi ruim, ninguém gosta de pagar imposto né, fiscal de renda, ou seja cobrador de impostos é uma das profissões mais malditas! Eu acho que talvez as prostitutas sejam muito mais bem vistas no mundo, que fiscal de renda, do que arrecadador de impostos, que sempre foi uma profissão ligada ao poder, que sempre é um poder, é, um poder de impor, de tributar né, antigamente era muito comum, como o império romano ele conquistava, ou às vezes nem conquistava o país só pelo medo do poder dele esse país era obrigado a pagar tributos né, a tirar de si, da sua riqueza e dar a um outro país estrangeiro e quem fazia essa cobrança, quem ia lá pegar esses impostos desses estrangeiros ou mesmo dos cidadão de Roma era o cobrador de impostos [??] em muitas fases da historia o cobrador de impostos era particular não era um funcionário do estado, ele era um cara que, essa relação não é de hoje que existe né, de um fazer e repassar pra empresa, na época do império romano era muito comum, o imperador contratava uma pessoa para ser arrecadadora de impostos, ele tinha que pagar tantos mil sei lá o que, qual era a moeda de Roma, e esse cara com 10 mil dinheiro lá, e esse cara tinha que garantir esses 10 mil, se ele arrecadasse 50 os outros 40 era dele, então você já imaginou né, a liberdade que um cara desses tinha como poder, com as legiões romanas ali podendo servir, o que que ele não fazia de [razia ?] de pilhagem lá pra poder, apanhar os 10 mil do imperador e ficar com o resto pra ele, para ele enriquecer, então a função do arrecadador de impostos sempre foi maldita, isso ai você pode ter certeza e não é hoje que vai ser melhor, em algumas vezes com razão, muitas vezes com razão, muitas vezes com razão. Por que a tributação para ela ser justa né, tem que ser proporcional aos ganhos da pessoa, a renda, a produção e tem que levar em conta a sazonalidade, como que você vai cobrar imposto de produtos agrícolas por exemplo que tem quebra de safra, tem aqueles aumentos de produção, diminuição, e em geral na historia os governantes nem querem levar isso em conta eles querem ter uma renda fixa, independente de ter

quebrado a sua safra ou não o cobrador de impostos, vai lá e vai cobrar, tem vários textos do egípcios, dos antigos que mostram isso, o cara vai lá se você... ele tem que dar tantos sacos daquele grão, se quebrou a produção não tem nada você vai ter que roubar fazer qualquer coisa e pagar, se não fizer isso eles vão lá e quebram suas pernas, prendem sua mulher e seu filhos, coisas absurdas. Por que a gente ta na faculdade de historia vê esse tipo coisas, então não adianta. Eu jamais, nunca, nunca, fiscal de renda jamais vai ser bem visto, seja por razoes históricas ou por razoes de corrupção que eventualmente acontecem ou seja simplesmente por que a pessoa não quer pagar imposto, nunca vai ser bem visto, o máximo que a gente pode esperar da profissão é ser respeitado. Esse é o máximo, pela condição técnica, pela condição de ética [exercer o trabalho Justamente ?] por essa lei é o máximo que a gente pode esperar. E desses escândalos pra cá, de dez anos pra cá. Como servidor publico hoje também, os órgão também hoje em dia estão muito muito é, serviço publico né, foi muito afetado de Collor pra cá. Collor o que que é, é um arauto do neoliberalismo, e neoliberalismo o que que ele propõe? É enfraquecer o estado é acabar com todos os tipos de ações estatais, inclusive cobrança de imposto, que você, quando você cobra do rico né, você ta diminuindo acumulação de capital, você ta estorvando as regras tributaria estorvam, diminuem a capacidade das empresas de gerar lucro, então o fiscal de renda é uma profissões mais mal vistas no meio neoliberal. É muito mal vista, sendo que por outro lado aqui no Brasil, nos países que estão sob a divida externa esses projetos que vão pro banco, BID etc etc, por incrível que pareça, embora eles não gostem na ideologia neoliberal, cujo o principio o estado é uma coisa ruim e o fiscal de renda então pior ainda, mas para os países do terceiro mundo eles dão um certa importância pra gente, por que?, por que se os países do terceiro mundo não arrecadarem, se não houver uma maquina eficiente de arrecadação, se eles não afiarem as garras do leão, não tem arrecadação para pagar a divida externa, então nos últimos anos a gente ta sofrendo uma situação engraçada, ao mesmo tempo que nos perdemos prestígio como funcionário publico, como fiscais de renda, que são os alvos de campanha sistemática de desmoralização, tanto quanto funcionário publico como fiscal, por outro lado à

gente tem tido muito investimento, a maquina arrecadadora do estado, tanto na união, no município, [?] federal, ela teve um desenvolvimento nos últimos dez anos impressionante, inclusive com muito dinheiro do BID ta, muito dinheiro do BID, lá na secretaria de fazenda teve uma, exatamente esse projeto começou, cerca de 1998 e até hoje não terminou, embora ele já devesse ter terminado desde 2002, mas eles tão sempre prorrogando, por que? Por que embora eles queiram colocar um dado estatal, eles queiram punir os estados que não evoluíram no projeto etc etc, eles sabem que eles rão podem abrir mão [fim do lado A da fita]

[Inicio da fita lado B]

Paulo: O investimento que esta tendo para arrecadação, na modernização da maquina arrecadadora do estados e dos municípios é tão grande que hoje em dia eu tenho, as ferramentas de informática que nos estamos tendo lá no estado pra trabalhar, tanto na minha área de julgamento quanto na área de fiscalização, pô são inacreditáveis cara, hoje em dia você tem condição como eu vejo lá processo né, de fiscalização em firmas que fazem milhões de operações, essas firmas de é, de supermercado, de concessionária de automóveis, que vende peças, milhares de tipos de peças diferentes, e o seguinte esses caras hoje em dia conseguem investigar essas empresas, que antigamente era praticamente no instinto, no faro, por que você não tinha a menor condição de investigar milhões de notas fiscais, milhares de paginas de livros entendeu, impressa no computador, então era praticamente impossível, só na base de um grande... ou numa denuncia que era muito comum né, por que antigamente o fiscal lançava muito mão de denuncia de ex-funcionários, esse tipo de coisa assim é que eram, as grandes ações fiscais geralmente eram denuncia de ex-funcionários, pessoas que foram mal tratadas, que foram, que tiveram seus interesses contrariados, hoje em dia você como fiscal tem condição de entra no movimento de uma grande empresa, com milhões de lançamentos a debito a credito, de compra de venda, e analisar isso por sistema. A fazenda hoje em dia já tem condição de fazer esse tipo de coisa, então é lógico que tem uma evolução, pra você ter uma idéia quando eu entrei no estado há quinze anos atrás era tudo na maquina de escrever, o computador não existia,

isso foi em 89-90, a informática já estava bem avançada naquela época, e nos tínhamos... e mesmo assim depois de 90, demoro, demoro muito pra se implanta e só com dinheiro do BID. Eu sei bem por que eu já nessa época eu já tava no sindicato, e eu brigava muito pra eles melhorarem nossas condições de trabalho que eram péssimas, as repartições ultra degeneradas, completamente sem nenhum recurso, completamente... aqueles arquivos, tudo a mão, tudo escrito à mão, uma coisa assim absurda, os arquivos não tinham... você não tinha como achar as coisas ali dentro, ou pesquisar nada, na verdade não era um arquivo era um depósito de material, depósito de papel. E olha a evolução que teve disso pra hoje, que praticamente hoje, tudo é informatizado na fazenda, entendeu a evolução que teve é um negócio assim impressionante, inclusive a simplificação pro contribuinte, hoje em dia você tem... você pra abrir uma firma no estado é a coisa mais simples que tem, eu não sei no município, não sei na área federal, mas eu sei que no estado a simplificação foi enorme, e isso tudo aqui de 6 anos pra cá, conheci exatamente com o período do Silverinha como superintendente, por que exatamente nesse período é que o projeto de modernização, conhecidamente, que não tem nada a ver uma coisa com a outra, simplesmente conheci, que nessa época houve uma pressão maior da classe, pra melhorar as coisas, eu me orgulho inclusive de ter sido um dos grandes que mais batalhou dentro do sindicato, por que eu fui eleito como presidente de comunicação social, e a minha luta dentro do sindicato desde o início foi à modernização, e a gente não tinha condição de trabalhar dessa maneira, na base do palpite com um caminhão de notas fiscais na sua frente e você tendo que pular ali dentro e vê aonde que você vai encontrar um erro no meio daquele lixo todo entendeu, milhões, como é que você vai fiscalizar um Carrefour? Olhando para aquelas pilhas, que as notas fiscais, os cupões que tem ali dão pra encher dois, três caminhões, como é que você vai fiscalizar isso? sem computador. Então eu briguei muito por isso, fui uma... e isso eu me orgulho, fui uma das pessoas que mais lutou por esse projeto que tava seriamente ameaçado né, por que o pessoal da antiga né, não tinha nenhuma, interesse em informatização né, até por formação. Pra eles computador era uma coisa assim assustadora que ia trar

poder deles, que ia favorecer o nosso poder por que, há uma diferença de idade ali, um choque de gerações na fazenda estadual, ficou 20 anos sem computador, os mais antigos quando nós entramos, aquela turma que tinha entrado nos outros concursos anteriores, tinham na média 20 anos mais que a gente, na média de 60 anos, a gente tinha uma média de 40 na época, quando a gente entrou, ou menos de 40, então tudo que era de modernização, eles sabiam que no fundo no fundo eles iam perder o poder, por que os jovens tinham muito mais condições de dominar esse sistema, então foi uma briga de poder que rolo lá dentro, surda, uma briga surda e esse projeto não decolava, não decolava e eu fui pro sindicato pra isso, eu nunca tive, eu te falei pra você, tá gravado aí, eu nunca tive participação política de espécie alguma, sindicato, grêmio, nada! Eu entrei no sindicato, eu só entrei no sindicato por causa do projeto de modernização que tava, tava parado estagnado entendeu, e que eu queria ver se aquele troço andava, e passei os anos que tive lá dentro brigando por isso, e comprei muita inimidade por isso, inclusive daqueles que acabaram assumindo o projeto e que não aceitaram as críticas que eu fazia, e exatamente o pessoal do Silverinha que assumiu, né, o Davi Birma que foi o grande coordenador aí do projeto, e eu bati muito de frente com eles tanto com Davi quanto com Silverinha, quanto com a equipe, críticas que eu fazia, sugestões, eu era analista de sistemas e infelizmente o pessoal não era muito aberto a crítica não, e eles tinham uma equipe boa, quando chegar na parte do Silverinha vou falar sobre isso também, eles tinham uma equipe muito boa, mas acho que o pessoal se achava bom demais, não precisava de sugestão, não precisava de crítica, e de qualquer maneira a coisa andou, e hoje realmente o que você tem na fazenda tá longe do ideal, as instalações principalmente físicas [?] ainda são velhas, ainda tem coisa mofada, muito coisa rasgada, mas deu um aparelhamento pro trabalho, saímos da idade da pedra para o século XX, ainda não chegamos no XXI, mas estamos no final do século XX. A pergunta qual era? [Que eu...?] Ah a visão sobre a sociedade, acho que mais ou menos eu mostrei né?

Roberto: Foi Bom, Foi bom. E como que é a atuação do sindicato hoje? Assim, como é que você acha que o sindicato na sua profissão, ta atuando hoje com vocês?

Paulo: Olha só, o nosso sindicato por ser um sindicato de uma classe especial não é um sindicato comum, não é um sindicato desse tipo... é... digamos assim de natureza marxista, anarquista, como era no inicio do século, ou mesmo hoje, não tem nada a ver com sindicato dos metalúrgicos, é um sindicato que pauta exclusivamente pela luta, pelos direitos e pelas conquistas da classe, voltado para aspectos fundamentalmente econômicos, mas também por questão de prestígio, de prerrogativas, por que a gente como fiscal de renda tem uma serie de prerrogativas constitucionais que são feitas não é para simplesmente, pra fazer a gente ficar... é... para é... ser prestigiado [com poder não?], por que sem aquelas garantias mínimas você não consegue exercer sua atividade. Por exemplo, você ter o poder de mediante apresentação da sua carteira, você entrar em qualquer ambiente onde haja é, mercadorias, onde haja documentos fiscais, você, ninguém pode te barrar, você pega sua carteira entra, "ah não pode..." [imitando alguém impedindo] se não deixar entra a gente vai ali na policia, chama, eu quero entrar eu vou lá, e se o cara se recusar a mostrar um documento, abrir um arquivo, a gente lacra, e se ele abrir aquilo ali ele vai pra cadeia, então tem uma serie de prerrogativas dentro da classe fiscal, que são pô, o mínimo que você precisa pra exercer a profissão, senão ninguém vai abrir seus arquivos ninguém vai fornecer informação pra gente e a gente vai ficar desmoralizado, então o sindicato atua muito em cima disso, ele é muito cioso nosso sindicato, das prerrogativas e da estabilidade por exemplo, por que se o fiscal não tiver estabilidade é o primeiro amigo do governador, do prefeito, ou de quem quer que seja do deputado que ele incomodar ele ta na rua, nossa tarefa é incomodar os outros, nos nunca vamos agradar as pessoas se a gente trabalhar correto, então o sindicato ele se limita mais a isso, ele não é um sindicato que pense a sociedade, que pense a mudança do mundo, ou coisas desse tipo, ou a reforma do estado, pelo contrario os elementos que tinham que pensavam nesse sentido, pensavam em melhoria, em reforma da sociedade, que pensava em alguma coisa alem, que o simples perdas

e ganhos era exatamente eu e mais um grupo pequeno que entraram junto comigo em 98 no sindicato, e ficamos lá mais ou menos uns 5, 6 anos, e o sindicato ficou assim mais ou menos dividido né, a turma que tinha uma visão de união do nosso sindicato com outros sindicato, eu quando tava lá dentro briguei muito por isso, pra gente se unir à federação, que o nosso sindicato não tinha nenhuma ligação com a federação do fisco, nem com a federação dos sindicatos do estado, então a gente brigou muito pra isso e ele acabou se vinculando contra a maioria das pessoas, que... os diretores, a gente teve que convencê-los a não só lutar sozinho, mas também procurar o apoio de outras classes especiais, o apoio, e apoiar também! Não só buscar o apoio, apoiar também, as outras classes quando elas tinham a luta delas, como por exemplo os fazendários que era o pessoal de nível médio do estado que brigavam sozinho e que a gente fez um esforço danado para apóia-los também, não só quisemos o apoio deles como também demos, oferecemos o nosso apoio. Esse tipo de coisa que a gente brigou quer dizer eu não vou dizer que foi uma luta, ah pra melhorar a sociedade não! Eu particularmente lutei lá foi pela modernização, eu e meu grupo que sai comigo inclusive agora, nos perdemos a eleição e agora quem ta mandando hoje é exatamente o grupo conservador né, então ta voltado única e exclusivamente para perdas e ganhos, e questões de prerrogativas, do fisco etc etc. Aquela ala que pensava em alguma coisa além em integrar o fisco a sociedade, fazer campanha de educação fiscal tudo, esse pessoal saiu, nos perdemos a eleição e [?]. É então o sindicato hoje é isso lá, é só voltado pra isso, perdas e ganhos, lutar por mais direitos, ações judiciais, é um sindicato jurídico. Fundamentalmente é isso, jurídico [legislativo ?], mais nada.

Roberto: Como você preenche seu horário fora do trabalho? As atividades que você faz?

Paulo: Olha eu... particularmente eu gosto muito de me exercitar né, fisicamente então eu passo a parte da manha assim até umas 9 horas, quase todo dia eu faço musculação e ginástica de terça a sexta, jogo meu voleizinho fim de semana também e isso na parte da manha principalmente, ai eu almoço bem cedo,

exatamente pra poder começar a trabalhar cedo também, 10 horas da manha to almoçando, ai descanso um bocadinho, no maximo meio dia eu começo a pegar os processos pra julgar, nos intervalos que eu me canso, também dos julgamentos, que são, como eu já te falei, é extremamente complicado ai eu pego as matérias aqui da UFF, eu descanso quebrando pedra [risos] ai pego as matérias aqui da UFF pra estudar né. Então eu passo o dia inteiro estudando, quer dizer, de noite quando eu tenho aula aqui ainda venho pra cá pra assistir aula. Então fundamentalmente é isso, é de manha malhando, não é, até 9 e pouca, almoço depois é estudar e trabalhar ate de noite, até 11 horas, normalmente eu vou até 11 horas. E quando a coisa aperta aqui na faculdade, por que mesmo com essa liberdade de tempo toda não da só simplesmente com a semana, eu viro o fim de semana, é super comum à família ir viajar e eu ficar o fim de semana trabalhando, fazendo trabalho da faculdade, esse fim de semana agora vai ser um, por que a família vai passear e eu vou ficar em casa sozinho, então fico quase o sábado e domingo inteirinho só no computador pra conseguir botar em dia aqui as coisas.

Roberto: É como é que você vê a influencia da política no seu trabalho?

Paulo: Eu vou te dizer uma coisa eu não sei hoje por que eu to um pouco afastado do sindicato ta mais difícil de ver as coisas, depois do escândalo, daquele escândalo do silverinha as coisas se acalmaram mesmo, mas pelo menos até enquanto eu tava no sindicato até 2003, a influencia política sempre foi nefasta. Em geral político só se interessa por fiscalização ou pra conseguir favor, pra não fiscalizar firma de gente eleitores deles, ou deles próprios, ou pra consegui alguma contribuição pra campanha deles, ou pra dominar uma determina região, ameaçar os seus inimigos então ele pede pra um inspetor amigo dele pra poder pressionar alguém que... Não sei, ou seja é sempre 90% das vezes interesses escusos. Ai que sempre que você tem um político desse tipo de olho num órgão técnico como o nosso né, sempre encontra um no meio pra contribuir que ta sempre querendo um poder também e ta querendo se aliar a um político poderoso, então o que que acontece por mais que a classe na maioria queira estar fazendo seu trabalho

técnico e levar a coisa da maneira que tem que ser, basta um político poderoso se senhorear do comando da fazenda, e isso aconteceu muitas vezes no passado, tudo se compromete cara, quer dizer, a influencia política ali é a pior possível, seja pra favorecer os amigos, seja pra pressionar os inimigos, seja pra arrecadar o dinheiro pra suas campanhas entendeu, é sempre em geral péssima, é sempre ruim, por que eu não vi até hoje um político que tivesse formação técnica, assim visão gerencial, que chegasse lá e fizesse alguma coisa de útil, por que se a fazenda hoje se modernizou e ta melhor pelo menos tecnicamente do que era, não é devido a nenhum político, é por que houve interesse do BID, do FMI, do banco mundial etc etc, de investir nisso, e teve que vencer a resistência de muita gente inclusive político né, e dai foi implantado por que é um poder maior, e muitos na classe gostaram disso por que pelo menos hoje em dia tem ferramentas e tem ate mais orgulho do trabalho que faz. Por azar o maior escândalo da historia da fazenda que derrubou muito o prestígio da classe, foi bem exatamente na hora que a classe tava com mais prestígio, exatamente por causa disso, por que tecnicamente tinha havido uma evolução enorme nos anos anteriores ao escândalo, então foi um baque assim... nos caímos do céu né, na hora que a coisa tava realmente melhorando apesar de todas as crises, conflitos o sindicato brigava muito com eles mesmo, e a gente batia mesmo, a gente queria mais, a verdade é essa, eu era o diretor de comunicação social eu fazia o jornal, e a gente batia sim, eles ofereciam 1 a gente queria 10, a gente queria que [melhorasse?] muito mais rápido, coisa mais bem feita entendeu, então a gente pressionou muito e realmente, eles nesse aspecto deram alguma contribuição, então voltando atrás ai, que que eu tava falando? me perdi!

Roberto: Influencia política...

Paulo: Ah! Ou seja nada que teve de bom na fazenda teve o dedo político, só o que teve de ruim teve o dedo de político, então infelizmente é péssimo.

Roberto: É depois desse escândalo que a gente já falou um pouco também assim, é... a situação de vocês lá no trabalho, mudou assim a relação com os outros trabalhadores?

Paulo: Oh! Eu tive a sorte de já estar trabalhando interno quando aconteceu o problema, então eu não tive desprazer de ter que entrar em contato com o contribuinte depois do escândalo, mas por escandalozinho muito menor do que este no passado, já houve problemas inclusive de pessoas desrespeitarem a gente do fisco por que “pô fulano ai, anda levando anda fazendo e você?” [imitando ironicamente] esse tipo de coisa insinuação, e não levando muito a serio nosso trabalho entendeu, então por coisas muitos menores, um fiscalzinho lá, que foi pego lá no fundo do estado lá, e esses escândalos [?] na televisão que aconteceu. Por causa de 100 reais, por causa de 500 reais, agora imagina por causa de 10 milhões de dólares, sei lá mais do que isso 30 milhões de dólares. Então... ah... qual a pergunta mesmo ai?

Roberto: é...

Paulo: To ficando velho hein cara!

Roberto: A situação...

Paulo: Ah, como é que ficou?

Roberto: é

Paulo: Ficou o impacto inicialmente, muitos acharam que seria ate positivo, por que? Por que o aspecto dessa gestão Silverinha, o Silverinha dominou a fazenda desde 2000, até 2003. Inicialmente foi o Sá(r)ci que entrou com aquela política de “moralização” entre aspas, então, e saiu atirando em todo mundo, tanto em quem não tinha moral, quanto quem tinha, o Sá(r)ci entrou cortando tudo, ele cortava o joio e o trigo junto, então eu não sei que política de moralização que foi essa. Depois o Sá(r)ci saiu e o Silverinha comandou, o Sá(r)ci também não queria projeto de modernização, ele queria que a fazenda fosse o ultimo órgão a ser melhorado, umas idéias meio retrogradadas na minha opinião, eu bati muito de frente com ele por causa disso. Foi logo depois que o Silverinha, o Silverinha tem uma cabeça mais aberta, então ele favoreceu muito o projeto de modernização e isso não era muito claro pro sindicato na época, a gente desconfiava muito mas a verdade que olhando agora pra traz talvez ate eles ãem merecessem tantas as criticas que a gente fez na época né, por que a gente como órgão representativo à gente falou, a gente bateu, a gente apanho também e a verdade é que a coisa

evoluiu, então esse foi um lado positivo que teve na gestão do Silverinha né, a coisa melhorou, então houve uma evolução grande, ele se cercou de gente competente, muitas das pessoas, os melhores fiscais trabalhavam para o Silverinha na administração, pessoas dignas, reconhecidamente de moral e de base, a maior parte das pessoas que trabalhavam para ele, então quando houve... mas apesar disso a gente sabia que se tinha esse lado bom, a gente já na época, a partir de 2000 começou a chegar, começaram a chegar os rumores, os rumores já chegaram pra gente a partir de 2000, você vê que o escândalo foi em 2003 né, então a gente começou a ficar preocupado, a gente achava que em alguma hora esse troço ia estourar, por que os rumores eram terríveis, a gente não tinha prova, nenhuma, então a gente começou a ficar mais temeroso do que poderia acontecer que na hora que acontecesse um escândalo desses obviamente ia manchar a classe toda, a gente no fundo queria o que? Que terminasse isso né? Que acabasse isso, então quando houve, que foi denunciado, “Bom pelo menos essa coisa vai parar e vai se assentar e as pessoas que praticam esse tipo de atitude que fazem esse tipo de... praticam corrupção, então vão ter que se acalmar, algum desses aí vão pra cadeia” [remetendo diretamente a como pensou na época!] então inicialmente até, acho que a visão de muita gente, embora talvez eles nunca vão falar isso explicitamente muito claramente, “a não é que era bom”, mas muita gente ficou pensando “realmente era bom que saísse uma meia dúzia da classe aí, não ia fazer falta e ia limpar um pouco a barra, ia acalmar mais essa gente” mas a verdade é que o efeito foi ao contrário, e aí eu te explico por que, por que na verdade é que... nada disso a gente provou né, mas o que a gente tinha de suporte é que essa corrupção começava muito em cima, tinha fortes laços com a alta administração do estado, eu não posso falar mais do que isso por que eu não tenho como provar, mas a gente no sindicato tinha muitos indícios, a gente várias vezes tentou alertar o governo, o próprio Garotinho a gente procurou, sempre tentando falar de uma maneira que não tinha como provar, a gente tentando dizer o seguinte, uma das coisas principais que a gente falava pra ele, isso eu acho que era mais importante, essa inspetoria de grande porte não serve, você não pode concentrar 80% da arrecadação do estado nas mãos de uma pessoa, que era o

Carlos Eduardo, aquele que tinha 10 milhões de dólares na suíça, a gente falava a fazenda é um, órgão muito perigoso pra você botar poder na mão demais de uma pessoa só, você tem que dividir esse poder, você pega divide essa inspetoria de grande porte entre 5, 6, 7, 8 ta, pra não ter, pra não concentrar esse poder, essa era nossa idéia principal dentro do sindicato que era uma maneira de parar com esse propinoduto. Que aliás, engraçado é que o termo propinoduto, foi cunhado dentro do nosso sindicato, por que quando o pessoal falou sobre o esquema, como é que funcionaria né. Como é que funcionaria o esquema? O silverinha, isso é tudo rumores e especulações ta, a gente não tem prova de nada disso, é que ele teria combatido a pequena corrupção, toda aquela corrupçõzinha de inspetoria, aquelas coisas que afetam o pequeno contribuinte, ele acabou com aquilo e implantou a grande, ou seja aquela coisa que vai nos grandes, nos grandes pontos, como se fosse assim uma, um... Por que propinoduto né? Como se fosse.. A gente pensou na imagem do oleoduto, você fura ta, aquele cano enfia lá na terra e vai sondando, e ai quando bate no petróleo que você basta puxar bombear e sai, sai, sai, e liga naquele oleoduto e vai direto pra refinaria, então a coisa passa a ser um negocio industrial, corrupção em escala industrial, então inclusive quem propôs a idéia do oleoduto fui eu, por que? Por que eu trabalhei na Petrobrás, ai quando falaram as coisas pra discuti no sindicato, eu falei "pô isso ai parece um oleoduto de propina, parece um oleoduto de propina, esse troço sai de lá vai direto em escala industrial." Ai um gaiato lá que eu não lembro mais quem é falou, "Pô isso ai é um propinoduto" quer dizer isso daí foi, foi, essa expressão foi cunhada dentro do sindicato, eu tava lá e por inspiração minha, da minha fala, por causa dessa experiência da Petrobrás lá com oleoduto. É, mas então a gente só tinha, isso foi em 2000, 2001, a gente só tinha uma idéia de que havia uma coisa preocupante, quando estourou o escândalo da Light em 99 final, inicio de 2000, a gente pensou, "pô agora esses caras vão acalma" Por que foi um escândalo feio, foi filmado na televisão, foi pro ministério publico, e no final se engaveto, não aconteceu nada, ou seja fortaleceu mais a corrupção, esse foi um fato fundamental né, a partir do momento que houve uma denuncia forte e nada foi apurado, o que que acontece? aqueles que estavam com medo agora se enchem

de coragem. Então a partir dali a gente ficou mais preocupado ainda, aí procuramos o governador tentamos falar, “olha isso daí da grande porte, isso não é uma boa, vê se me entende.” E ele defendeu isso até o final e você não pode esquecer que a primeira frase que a Rosinha pronunciou logo que ganhou a eleição, ela ganhou a eleição quando ficou a última parcial que já estava certo que pra eleição ela já tinha sido eleita, qual a primeira frase que ela falou? A primeira coisa que eu vou fazer é fazer, é remontar a inspetoria de grande porte, que a Benedita tinha acabado, por que a Benedita já... quando o pessoal da Benedita entrou a primeira coisa que eles fizeram foi acabar com a grande porte por que as pessoas que entraram com a Benedita, foram exatamente as pessoas que estavam no sindicato, que nessa época se associaram a Benedita e o que fizeram, fatiaram aquilo e ali acabou, aquele problema durante o governo da Benedita não teve, acabou o propinoduto na época da Benedita. Quando a Rosinha assumiu a primeira coisa que ela falou [?... ameaça... um aviso?] Olha a primeira coisa que eu vou fazer é remontar a inspetoria de grande porte, a gente gelou né? “Meu Deus do céu” isso em outubro de 2002.

Roberto: Mas o que é uma inspetoria de grande porte?

Paulo: É a inspetoria que só tem, que só fiscaliza as grandes empresas do estado, Petrobrás, CSN, é sei lá Wal Mart que é essa do Sam`s, Carrefour, essas grandes, 80% da arrecadação do ICMS tá nelas, ou seja, é muito dinheiro pra ser controlado na mão de apenas um inspetor e de uns poucos fiscais e aí a nossa proposta era que dividisse isso, evitasse essa concentração de poder, ao menos pra evitar essa corrupção em escala industrial que a gente sabia que já, ou a gente achava que já estava em andamento, por que a gente não tinha como provar. E efetivamente dentro do governo da Benedita esse tipo de coisa não aconteceu mais. E quando ele ia retornar... isso em outubro que ela anunciou que ia remontar a inspetoria, ela chegou acho que até botar no diário oficial, mas estourou o escândalo dia 6 de janeiro de 2003, aí o que aconteceu, ela foi obrigada a desmontar a inspetoria de grande porte, aí acabou. Então em resumo, em resumo o que que aconteceu? Como a gente tinha fortes, a gente tinha fortes indícios de que existiam altas esferas que estavam interessadas nesse esquema,

o que aconteceu, quando houve apuração, a parte positiva só foi aquela que veio do banco da Suíça pra cá, e que foi realmente o que valeu se não fosse o documento da Suíça o Silverinha estaria até hoje lá com a equipe dele, fazendo a mesma coisa. Só isso, quer dizer que realmente importou, se montou um circo na CPI, pra que? Pra proteger essas pessoas poderosas, essa é a nossa intuição, mas a gente não tem como provar [?]. Que que eles fizeram? Eles montaram todo um aparato, pra dizer que estavam apurando, pra dizer que estavam fazendo, e não estavam fazendo nada, no fundo eles só estavam tentando evitar que a coisa se espalhasse, e realmente no final das contas, depois de tanta coisa, jogou tanto o nome da nossa classe no lixo, por que o que a CPI foi isso, era todo dia noticia no jornal, mais uma denuncia, e só denuncias estapafúrdias, o nosso órgão... o órgão onde eu trabalho, Junta de revisão fiscal, é um dos órgão mais eticamente é, padrão ético mais elevado no [?], onde tem mais pessoas que eu boto a mão no fogo, que os caras são pessoas dignas, e foi o órgão mais atacado e não se provou nada contra a junta de revisão fiscal. Mas ela chegou a ser tratada no sentido assim de ser assim o foco da grande corrupção na fazenda, e não era, o foco era a grande porte, [?] isso pra proteger as pessoas que tinham envolvimento, deslocaram o foco da apuração se você olhar bem ver as noticias da CPI, você só vai ver contra a Junta de revisão fiscal, que é o órgão que faz julgamento do alto fiscal, e não é! O foco todo era a grande porte, o que que aconteceu, a Junta de revisão fiscal, foi o órgão mais massacrado, justamente onde eu trabalho, então os nossos colegas é, tiveram problema serio de depressão, varias pessoas entraram com licença medica, as pessoas protestaram lá na assembléia, e isso não teve repercussão nenhuma. Os protestos que nos fizemos, as cartas que nós mandamos, [não?] botamos no jornal, no dia seguinte estava lá, na manchete do jornal, Junta de revisão fiscal é a casa da luz vermelha da fazenda, e assim que tava! junta é casa da luz vermelha “é ali que esta o problema!” Mas não é nada! Você vai pegar ali são 40 pessoas, pô e te digo uma coisa, são pessoas do mais alto nível, intelectual, moral que você possa imaginar cara! Então essa CPI foi um grande circo, conseguiu proteger as pessoas, você vê ninguém ali, [com exceção?] do Silverinha, foi pra cadeia foi fãstado, fez um

cordão belíssimo, um cordão de isolamento, jogou a culpa em quem? Em quem não tinha, tanto não tinha que ninguém da junta de revisão fiscal perdeu o emprego, ninguém teve um processo [?????? Muito vento] É então foi horrível, foi a pior fase da nossa vida e praticamente aquelas pessoas que continuaram mantendo sua honestidade, mantendo seu trabalho, foi simplesmente o fim da carreira, muitas pessoas ali, inclusive algumas podiam se aposentar, outras [?] foi um efeito assim devastador. Por outro lado se você pensarem termos do que que vem depois, acabada essa palhaçada toda, esse circo todo, eu acredito que hoje em dia, talvez até por que eu não to também trabalhando na linha de frente, nem to no sindicato, mas a impressão que eu tenho é que o nível de corrupção diminuiu, até por que a grande porte acabou ta, e até por que o governo ficou tão queimado, que ele vai pensar duas vezes antes de fazer uma coisa industrializada. Então, esse aspecto foi positivo, agora para classe foi um desastre, vai demorar talvez décadas pra recuperar a imagem da classe.

Roberto: Você gostaria que seus filhos tivessem um trabalho como o seu?

Paulo: Olha sinceramente, hoje, hoje, eu não gostaria não, hoje eu não gostaria, é um trabalho exigente, é um trabalho complexo, é um trabalho que você fica sempre mal visto, é você sai na rua e você ouve, não contra você, por que as pessoas tem é.. falam isso assim no bar, no botequim, você chega pra tomar uma cerveja, você ta vendo ele falar da sua classe, então é um negocio... Tem vantagens como eu te falei, você tem sua liberdade, a sua remuneração, uma das melhores remunerações que tem ai no estado, então tem essas vantagens, em termos de liberdade e de remuneração, mas o desgaste que você sofre no dia a dia, a pessoa que tem vergonha na cara ficar tendo que aturar esse tipo de coisa, sem ter nenhum envolvimento com esse tipo de coisa, pensa bem, é que nem você ser fiel a sua esposa e você ter fama de infiel né, e você se... a mulher ter ciúme o tempo todo achar que você... você viu aquela novela né? Aquela novela que a mulher ficava o tempo todo achando que o cara era infiel, sendo que o cara era extremamente fiel é, se você fosse infiel você estava se lixando né, a mulher te.. era até uma curtição as pessoas acharem que você é e não conseguirem

provar, agora você ser uma pessoa honesta e você ter que ouvir e aturar isso, essas brincadeiras , essas indiretas, as gozações. Hoje em dia praticamente quem é fiscal, nem fala mais que é fiscal. [Fim da Fita]